

## Mulheres imigrantes alemãs e Igreja no Brasil: dificuldades e possibilidades para uma pesquisa histórica

Por Gisela A. Büttner Lermen\*

### A dificuldade fundamental: a invisibilidade das mulheres na história

Já em meados do século XX, duas mulheres, uma, descendente de imigrantes, a outra, imigrante ela mesma – ambas absolutamente isentas de qualquer “suspeita” feminista – patentearam a ausência das mulheres imigrantes na memória das pessoas contemporâneas e insistiram na sua importância histórica:

Em 1949, por ocasião da comemoração dos 125 anos de imigração alemã para o Rio Grande do Sul, uma contribuição publicada no *St. Paulus-Blatt*<sup>1</sup> chamava a atenção para a necessidade de lembrar, também, a presença das mulheres nos acontecimentos a serem comemorados naquele ano: “Junto com os pais vieram as mães” – foi assim que Helene Emunds intitulou um artigo, dedicado ao dia 25 de julho, Dia do Imigrante<sup>2</sup>.

Maria Rohde, contemporânea de Helene Emunds e figura de liderança na colônia do *Volksverein*, Sociedade União Popular, de Porto Novo/Itapiranga, constatou, em 1951, ao perscrutar crônicas e arquivos em vista dos seus estudos

---

\* O Assunto foi apresentado no Seminário do IEPG sobre “História do Protestantismo no Brasil”, no dia 20/10/2005. Gisela A. Büttner Lermen é teóloga católica, formada em Teologia na Alemanha e doutora em História pela UNISINOS. Em janeiro de 2005, ela defendeu tese de doutorado sobre “Mulheres e Igreja – Memórias desafiadoras. Contribuição ao resgate da história de mulheres imigrantes alemãs católicas, na região colonial alemã do Brasil Meridional, durante a época da Restauração Católica (1850-1939)”.

<sup>1</sup> SANKT PAULUS-BLATT. Porto Alegre: Tipografia do Centro. Circulação mensal.

<sup>2</sup> PAULUS, 1949, p. 263.

preparatórios para a elaboração de um livro comemorativo para os 25 anos da colônia modelo de padrão unificado, que

em todas as reportagens e relatos, se fala muito de “Nossos pioneiros e colonos”, mas até agora não foi escrita palavra alguma sobre “Nossas pioneiras e nossas mulheres colonas”. E que elas também estavam junto, em postos avançados, que cumpriam calmas e fiéis o seu dever e que, sem dúvida, contribuíam para o bom êxito de tudo, tanto quanto os homens, se não mais do que muitos deles, isso só Deus sabe.<sup>3</sup>

Outras fontes comprovam essa “invisibilidade”, constatada por Helene e Maria, por omitir até mulheres beneméritas das comunidades. A seguir, apresentarei, como exemplos disso, os casos de duas parteiras. No dia 13 de dezembro de 1901, o *Deutsches Volksblatt*<sup>4</sup> publicou o necrológio de Francisca Allgayer, nasc. Becker, falecida na idade de 68 anos e até poucos meses antes da sua morte residente em Bom Jardim, onde tinha atuado como parteira:

Nascida em Dörrebach, Município de Stromberg, Comarca de Kreuznach, ela se formou parteira em Trier. Distinguida pelos certificados mais honrosos por parte da Repartição de medicina, ela emigrou na idade de 23 anos para o Rio Grande do Sul, onde se casou com Peter Allgayer. [...] Aqui na selva, ela aproveitou os ricos conhecimentos, adquiridos para a sua séria profissão, em prol do próximo e sacrificou saúde e força física para isso. Pois em consequência de estafa antiga, de dia e de noite, ela estava adoentada durante anos. [...] Estação Hamburgo, aos 10 de dezembro de 1901.

O marido profundamente enlutado Peter Allgayer e todos os seus filhos e filhas.

Em contraposição ao encômio do necrológio, percebe-se o silêncio com respeito à parteira benemérita, na “Crônica de Bom Jardim”, de autoria do Pe. Carl Schlitz S.J. e publicada no *Deutsches Volksblatt* em 1897. Isso pode estranhar tanto

---

<sup>3</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah*. Beitrag zur 25-jährigen Geschichte der Volksvereinskolonie Porto Novo. Porto Alegre: Tipografia do Centro, S.A., 1951. 2 a ed. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 1996. p. 192.

<sup>4</sup> DEUTSCHES VOLKSBLATT. Unabhängige Zeitung für Wahrheit und Recht. Porto Alegre. Typ. do Centro.

mais, já que no capítulo dedicado ao assunto de “comércio e ofícios”, Schlitz destaca, expressamente, a presença do “número de profissionais [...] mais perfeitos” na comunidade da época, em comparação ao passado:

como [...] os tempos mudaram [...] e como tudo – com exceção dos preços – mudou para o melhor. Em lugar de pequenas vendas, temos agora lojas espaçosas. [...] Temos agora um maior número de profissionais, e mais perfeitos: sapateiros e alfaiates, seleiros e marceneiros, funileiros e dentistas, torneiros e cordoeiros, até costureiras e cirurgiões (*Wundärzte*).<sup>5</sup>

A lacuna, no entanto, até parece ter sido compensada em outro lugar: Por coincidência, encontra-se somente uma semana após o relato sobre os profissionais, em Bom Jardim, o seguinte necrológio duma mulher de 22 anos de idade e mãe duma filha de 8 meses:

Thecla Fröhlich, nasc. Mombach.

[...] No dia 31 de agosto, pela parte da manhã, ela sofreu um derrame cerebral. Mesmo que as conseqüências passassem pouco depois, o mesmo se repetiu pouco tempo mais tarde.

Se bem que a parteira, chamada de Bom Jardim, desse a esperança de iminentes melhoras, ela (Thecla) sofreu outro ataque no dia 4 deste mês, ao qual ela não sobreviveu, pois à tarde, pelas 8 horas, ela faleceu [...]

Picada Café, aos 7 de setembro de 1897.

Em nome da família enlutada,

o marido profundamente entristecido,

Philipp Froehlich.<sup>6</sup>

Está em aberto, quem foi a parteira chamada pela família Fröhlich. Por causa das informações sobre a saúde fraca de Franziska Allgayer, mencionada 4 anos depois, no necrológio dela, fica em dúvida, se foi ela mesma, ou se se tratou duma substituta, que talvez a ajudasse, ou da sucessora dela. Em todo caso, pode-se

---

<sup>5</sup> SCHLITZ, Carl S. J. *Chronik von Bom Jardim* oder Kurzgefasste Geschichte der dortigen kath. Gemeinde mit Berücksichtigung der umliegenden Pfarreien. *Deutsches Volksblatt* (DV) 15/12/1896 – 15/03/1898. 10/09/1897.

<sup>6</sup> DV, 21/09/1897.

concluir que a parteira, que atuava em Bom Jardim, em 1897, era bem reputada e contava com a confiança da população de lá e também das redondezas da localidade, até em casos de doença que não caíam na sua área profissional, mas tenham exigido tratamento por um médico, que, no entanto, faltava na colônia.

O segundo exemplo, que quero apresentar, parece mais estranho ainda, uma vez que a autora do respectivo relato é uma mulher. Em 10 de agosto de 1908, tinha falecido, em Herval, Paróquia de Baumschneis,

[...] Anna Maria Eich, nasc. Schein[...] na elevada idade de 82 anos [...] Nascida no Distrito Governamental de Koblenz, no ano de 1826, ela emigrou, no ano de 1854, com o marido Dyonisius Eich, que já a precedeu na morte, há 40 anos, para o Brasil, onde eles se estabeleceram na picada do Herval, entre os primeiros imigrantes. Visto que, naquela época, havia ainda mais falta de parteiras do que atualmente, a falecida socorreu muita gente na necessidade, durante longos anos. [...]<sup>7</sup>

O necrológio de Anna Maria é assinado por três filhos, duas filhas e dois genros.

Num artigo do *Familienfreundkalender*, de 1930, sobre “Os primeiros moradores católicos do Herval”, a autora Anna Wagner menciona, numa relação dos mesmos, junto com oito outros nomes, também, o de Dionys Eich, de Koblenz<sup>8</sup>. Não obstante o mérito de Anna Wagner, de ter resgatado alguns pontos marcantes da história dos começos da comunidade do Herval, não se pode deixar de observar que ela adotou, plenamente, a ótica e o discurso androcêntricos: Aparecem somente representantes masculinos como fundadores e construtores da comunidade, enquanto as mulheres são qualificadas, em geral, como “frágeis” e “acostumadas a algo melhor” do que à vida dura na selva. Depois de ter mencionado nominalmente vários homens beneméritos do desenvolvimento da comunidade, entre outros os

---

<sup>7</sup> DV, 18/08/1908.

<sup>8</sup> Cf. WAGNER, Anna. Die ersten katholischen Bewohner des Hintern Teewald. Nach deren eigenen Berichten zusammengestellt von Anna Wagner. *Familienfreund*, ano 18, 1930. p. 69-76; p. 69.

primeiros professores, o artigo registra, também, “o primeiro dos 9 fundadores da capela, a quem a morte arrebatou [...], Dionysius Eich; ele faleceu no ano de 1868, de tuberculose”<sup>9</sup>. Da mulher de Dionysius, no entanto, parteira obviamente procurada pelas primeiras famílias pioneiras do Herval, não se encontra escrita palavra alguma.

Diante das omissões em relatos sobre a história da colônia, é bom lembrar que os depoimentos dos necrológios merecem plena confiança. Deviam corresponder à realidade, já que estavam sujeitos ao controle público. Neste sentido, os necrológios de parteiras, tal como muitos outros de outras mulheres documentam, de fato, algo “que existia, mas que havia sido reprimido” e contribuem a “tornar histórico, o que [...] havia sido escondido da história”<sup>10</sup>.

## **Tornar visíveis as invisíveis: À procura do resgate da história “escondida”, “reprimida” das mulheres**

As fontes escassas da época pré-jesuítica – 1824 a 1850 – pouco contribuem para a revelação da história de mulheres imigrantes daquelas décadas, mas confirmam, antes, em geral a falta já constatada por Helene Emunds e Maria Rohde. Da época da pastoral jesuítica entre os homens e mulheres imigrantes alemães, destacam-se como fontes, em primeiro lugar, os seguintes periódicos e almanaques:

- *Deutsches Volksblatt* (desde 1871);
- *St. Paulus-Blatt* (desde 1912. Órgão da Sociedade União Popular, *Volksverein*);
- *Der Familienfreund* (desde 1925);
- *Sendbote des göttlichen Herzens Jesu* (Innsbruck, desde 1865);

---

<sup>9</sup> WAGNER, Anna. *Familienfreund*, 1930. p. 75.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da, et alii (Orgs.) *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55; p. 23.

- *Mensageiro do Coração de Jesus* (Ytu, desde 1896/97).

Das demais fontes escritas, valem ser destacadas:

- Brochuras sobre as Assembléias Gerais dos Católicos (desde 1898);
- Literatura ascética e homilética que orientava a pastoral;
- “100 anos de Germanidade no Rio Grande do Sul”. Livro comemorativo pelos 100 anos de imigração alemã. (Tradução para o português, 1999)

Onde mulheres aparecem nessas fontes, somente raríssimas vezes elas tomam a palavra, elas mesmas. Em regra, a palavra é dos homens. São eles que a usam a partir da sua ótica e orientada por interesses – religiosos, culturais, sociais, políticos – que lhes parecem importantes. Dificilmente, aí se encontram pontos de referência para a integração de mulheres na história.

Deixando-se desafiar pela perspectiva androcêntrica da história tradicional, historiadoras feministas introduziram no debate da integração das mulheres na história a categoria da “experiência”. Segundo a teóloga feminista alemã Maria Mies,

experiência significa [...] partir da vida real, tanto no seu caráter concreto subjetivo, quanto nas suas inter-relações sociais. Não deveríamos esquecer: a exigência de partir da experiência própria surgiu da nossa frustração, quando percebemos, que mulheres com sua vida, sua história, suas lutas, suas idéias não tinham lugar na ciência dominante.<sup>11</sup>

Joan Scott afirma que

o desafio à história normativa tem sido descrito [...] como uma ampliação do quadro, uma correção da visão incompleta ou infiel, e tem buscado legitimidade na autoridade da experiência, a experiência

---

<sup>11</sup> MIES, Maria. *Methodische Postulate in der Frauenforschung – dargestellt am Beispiel der Gewalt gegen Frauen*. In: BEITRÄGE 1 (1978) H. 1, p. 41-63; p. 45. Apud MAASSEN, Monika. *Biographie und Erfahrung von Frauen*. Ein feministisch-theologischer Beitrag zur Relevanz der Biographieforschung für die Wiedergewinnung der Kategorie der Erfahrung. Münster: Morgana, 1993. p. 78.

direta dos outros, assim como a do/a historiador/a que aprende a ver e a desvendar a vida desses outros em seus textos.<sup>12</sup>

De fato, na maioria das fontes que acabamos de mencionar, tais experiências somente podem ser deduzidas de forma indireta. E mais: nas minhas pesquisas e análises, não me foi possível deixar de perceber que a experiência mais comum das mulheres foi, justamente, aquela de que lhes era interdito ter experiências próprias, até possivelmente novas, e que tais experiências, onde puderam acontecer, não foram tomadas em consideração por parte da Igreja.

Para conhecer, descrever e interpretar experiências de mulheres, é preciso referir-se a fontes orais ou escritas de caráter biográfico, ou seja, relatórios, biografias, autobiografias, entrevistas, diários, cartas, fotos, álbuns de família e outras. No tocante à região colonial alemã, fontes escritas são escassas, principalmente durante o primeiro século depois do começo da imigração. À maioria das mulheres imigrantes e das suas descendentes faltou simplesmente a prática, como também o tempo e as demais condições para se dedicarem à atividade de escrever.

## **Experiências de mulheres documentadas em necrológios**

Sob as condições dadas, uma descoberta, que fiz quase por acaso no *Deutsches Volksblatt*, ganhou para meu interesse de pesquisa uma importância decisiva: A partir da década de 1890, encontra-se neste jornal assim como em outros periódicos de língua alemã da região colonial alemã, um tipo de necrológios que chama a atenção por informações e depoimentos aí transmitidos. Pelos seus conteúdos especiais, muitos desses anúncios parecem uma espécie de “retratos póstumos”, *flashes* sobre a vida das pessoas falecidas, ou, às vezes, até verdadeiras biografias sucintas.

---

<sup>12</sup> SCOTT, 1999, p. 24.

Uma possível explicação desse fenômeno, eu a vejo na situação criada pela própria imigração e pelas migrações posteriores, que marcaram a história da região colonial assim como, também, as respectivas histórias e condições de vida individual e familiar das mulheres e dos homens imigrantes e de suas/seus descendentes, principalmente, as migrações, em conseqüência da expansão das colônias levaram à dispersão das pessoas e das famílias. Pessoas, relacionadas entre si pela origem comum, por laços de parentesco, de amizade ou de antigas vizinhanças, encontravam-se diante de dificuldades insuperáveis para manterem o contato umas com as outras. O desejo de contatos, no entanto, obviamente se preservava. Entre outros acontecimentos, o falecimento duma pessoa querida devia ter sido uma das ocasiões que despertavam o sofrimento da separação de modo mais dolorido, levando ao desejo de se comunicar. Visto que as distâncias e a dificuldade de se comunicar tornavam impossível a participação imediata dum falecimento a parentes e pessoas amigas distantes, essa se limitava àquelas da vizinhança, convidando-as, também, para a participação das exéquias. Para entrar em contato com as demais, recomendavam-se os anúncios em jornais como o meio de comunicação mais fácil, mais rápido e mais seguro.

A ótica, na qual as mulheres são vistas nos necrológios, varia, dependendo do/da autor/a dos mesmos. Estes transmitem, de modo direto ou indireto, algo sobre a convivência com a pessoa agora falecida, quer seja o marido que anuncia o falecimento da mulher, quer sejam filhas, filhos, noras e/ou genros que comunicam a morte da mãe e/ou sogra. Também necrológios em que a mulher participa o falecimento do marido dão, indiretamente, alguma luz sobre a situação da esposa em questão.

À primeira vista, o autor, respectivamente a autora dos necrológios parecem evidentes, uma vez que as/os familiares da pessoa falecida, responsáveis pelo anúncio, respectivamente, a pessoa que fala em nome delas/deles, se identificam nominalmente no próprio texto. Já acima, no entanto, aponte para um problema

quase geral: a falta de prática ou de habilidade da maioria das pessoas imigrantes e de suas/seus descendentes de se expressar por escrito. A linguagem corrente do dia-a-dia era o dialeto. Cartas, por exemplo, apresentam-se fortemente marcadas por ele. Caso fosse necessário redigir algo que tivesse caráter oficial, as pessoas precisavam procurar ajuda. Essa consistia, no caso de necrológios, primeiro, num esquema fixo dos mesmos, provavelmente disponível junto aos agentes do jornal. Este esquema se dividia em três partes: anúncio do falecimento, data, causa e circunstâncias da morte; informações biográficas sobre a pessoa falecida e eventuais homenagens à mesma; agradecimentos. Enquanto a primeira e a terceira partes, em geral, se serviam de formulações estereotipadas, que somente precisavam ser atualizadas com respeito ao respectivo caso de falecimento, a segunda era formulada livremente e abria espaço para a participação de acontecimentos da história de vida da pessoa falecida, experiências e idéias. Esta parte do meio é, em geral, a mais rendosa para a história das pessoas falecidas em geral e para a de mulheres em particular.

Para a própria redação dos necrológios, as pessoas podiam, em todo caso, recorrer a uma pessoa competente, por exemplo, ao professor da localidade ou ao padre. Conforme atestam os agradecimentos, os padres fizeram o possível para comparecer aos sepultamentos, até nas capelas mais distantes da paróquia. Aí, por ocasião do enterro, se sugeria solicitar a ajuda deles. As pessoas consultadas, no entanto, seja o professor, seja o padre, facilmente acabavam acrescentando idéias e interpretações próprias, além de deixar sua marca no discurso geral do necrológio. Na análise dos textos, não é fácil, nem sempre possível, identificar as contribuições diferentes e separá-las, uma da outra.

Em geral, as comunicações sobre a vida e as pessoas de mulheres nos necrológios apresentam-se marcadas mais ou menos profundamente pela imagem vigente de mulher na época e por idéias teológicas vigentes, deixando em aberto o grau de autenticidade dessa imagem quanto à realidade da pessoa e da vida da

falecida e de identificação das/dos pretensos autores/autoras com o conteúdo das comunicações.

Comunicações biográficas, feitas por viúvas em necrológios para seus maridos falecidos, e depoimentos sobre a vida dos casais espelham, de modo às vezes comovente, o relacionamento de dependência dessas mulheres para com seus maridos, que não raramente acaba por simplesmente invisibilizar as esposas, nas respectivas fontes. Também neste caso, a questão da identificação das mulheres com textos que, possivelmente, lhes foram fornecidos por outras pessoas, fica em aberto.

Para investigar mais precisamente a situação familiar de várias mulheres, consultei Livros de Casamentos e de Batizados em Livros da Igreja, no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, em um ou outro caso, também, pesquisas genealógicas particulares; procurei informações, também, em relações de passageiros de navios de imigrantes, em livros de contabilidade de companhias de colonização, em atas de processos crime, em cartas de imigrantes da época.

Em todo caso, os necrológios “retratam” “experiências de mulheres”, seja como depoimentos autênticos dos/das autores/autoras, seja por meio duma imagem “retocada” da pessoa falecida por terceiros. No segundo caso, a imagem encontrada evidencia, ainda postumamente, de modo indireto, as exigências e a pressão, às quais as mulheres estavam expostas, durante a sua vida – ou seja, mesmo “retocada”, ela não deixa de transmitir experiências das falecidas.

## **Depoimentos autobiográficos em cartas**

Uma fonte muito informativa seriam cartas de imigrantes. Essas, no entanto, se não descobertas e acessíveis graças a contatos pessoais entre descendentes dos ramos brasileiros e alemães das famílias, ou se perderam, ou, se ainda existem, estão,

mesmo assim, praticamente “perdidas”, encontrando-se na posse particular de famílias de lá que, muitas vezes, perderam qualquer contato com parentes no Brasil.

Uma publicação de valor extraordinário foi feita na Alemanha, em 1999. Trata-se duma coleção de 31 cartas, redigidas pelo casal Johann Brill e Angela Klesen e as filhas Anna Maria Brill Scherer, Katharina Brill Kaspary e Maria Brill Führ, nos anos entre 1883 e 1937, em Picada Café e Serro Azul<sup>13</sup>. Quanto à autoria das cartas escritas entre 1883 e 1894 – Johann faleceu no dia 27 de abril de 1895 – às vezes não é fácil identificar e separar os trechos, redigidos por Angela ou por Johann. Nesses primeiros 11 anos, o marido parece o autor principal da correspondência. Embora seus pais já tivessem falecido muitos anos antes da emigração da família e ele somente tivesse o irmão Peter, casado com Anna Maria Falk, como parentes mais próximos, na Alemanha, tanto ele como Angela se dirigem na maioria das cartas, aos “pais”, “irmãs e irmãos”, “cunhados e cunhadas”. Geralmente, Angela e Johann assinavam juntos as cartas. Somente poucas delas ou trechos dentro das mesmas contêm uma identificação nítida do autor ou da autora: quando Johann, por exemplo, se dirige “ao sogro e à sogra”<sup>14</sup>, quando ele comunica algo sobre Angela<sup>15</sup>, quando escreve sobre trabalhos pesados masculinos, que realizou junto com o filho Michel e jornaleiros<sup>16</sup>, ou na carta dirigida ao irmão Peter e o filho dele, Johann, seu afilhado, que pretendia emigrar, também, para o Brasil. Igualmente, encontram-se alguns trechos inequivocamente redigidos por Angela: trechos marcados, de um lado, pelo interesse e a preocupação dela com a família na Alemanha e da saudade dos pais, da irmã e dos irmãos, de outro, pelo esforço de compartilhar com os familiares de lá tudo que acontecia na família e na sua vida pessoal, aqui no Brasil. Geralmente, Angela se identifica, expressamente, nesses trechos, pela sua assinatura. Em outras partes da correspondência, mesmo onde a autoria não é indicada expressamente, não

---

<sup>13</sup> SCHMIDT, Karl; HISTORISCHER VEREIN SCHEUERN (HVS) (Orgs.) *Brasilien grüsst Neipel und Lindscheid*. Dörsdorf, Tholey-Scheuern: Edição dos organizadores, 1999.

<sup>14</sup> SCHMIDT; HISTORISCHER VEREIN SCHEUERN, 1999, p. 53. 67.

<sup>15</sup> Cf. SCHMIDT; HISTORISCHER VEREIN SCHEUERN, 1999, p. 101.

<sup>16</sup> Cf. SCHMIDT; HISTORISCHER VEREIN SCHEUERN, 1999, p. 80.

há dúvida de que o autor é Johann: ele não cansa de comunicar, às vezes minuciosamente, todos os trabalhos nas novas terras, fala com orgulho do desenvolvimento na lavoura e na pecuária, informa os pais sobre a vida religiosa, festas e eventos eclesiais no Brasil e se entusiasma com a experiência da liberdade na nova terra.

Um problema central para o qual apontamos acima relacionado aos necrológicos como fontes para o resgate da história de mulheres, ou seja, o “retoque” da imagem delas, não existe nem nos trechos de Angela, nas cartas redigidas junto com o marido, nem naquelas de autoria exclusiva dela, depois da morte de Johann. As comunicações dela sobre sua pessoa e vida parecem sem qualquer disfarce. As cartas desenham a imagem duma camponesa humilde, sem qualquer ornamento ideológico. Através da correspondência com a família de além-mar, ela se destaca pelo seu interesse e sua sensibilidade pelas exigências das pessoas, de perto e de longe, e pela maneira de se solidarizar com elas, na medida das possibilidades concretas. Com naturalidade, ela parece tirar as conseqüências das circunstâncias de vida, desfazendo-se do lar próprio, renunciando à propriedade de bens quaisquer, a não ser o seu cavalo, despedindo-se do ambiente familiar de Picada Café e migrando, finalmente, com as famílias das filhas para as novas colônias. Mesmo na velhice, ela ainda consegue se identificar com os projetos da nova geração. Tudo isso a apresenta como mulher admiravelmente forte. A sensibilidade e força psíquica dela se manifestam, igualmente, na maneira de lidar com o fato da separação definitiva da sua família na Alemanha, ou seja, com a certeza, de nunca mais revê-la. De outro lado, no entanto, ela não parece inclinada a nenhuma forma ostensiva, nem de entusiasmo, nem de luto, apresentando-se sempre discreta e serena, tanto em situações de alegria, quanto diante dos reveses da sua vida.

## Considerações conclusivas

Análises das fontes sumariamente apresentadas levariam, sem dúvida alguma, ao resultado de que as ações das mulheres imigrantes afetaram o mundo, embora limitado, em que viviam<sup>17</sup>. E mais: a exigência da sua integração na história da colônia e da Igreja na região colonial como sujeitos, requereria a correção da mesma. “Contar” a história delas acarretaria, em grande parte, contá-la como “uma espécie de *Anti-História*, a partir da memória do sofrimento. Esta seria uma compreensão da história, que sempre tomaria em consideração, também, as alternativas vencidas e destruídas: História *ex memoria passionis* como História dos vencidos”<sup>18</sup>.

Uma tal História, no entanto, traz no seu bojo “memórias que desafiam, memórias perigosas”<sup>19</sup>. Experiências antigas reaparecem, questionando ocorrências do passado, que talvez já tivessem caído em esquecimento ou com as quais já nos havíamos conformado, e, com isso, insinuando idéias “perigosas” para a atualidade.

A meu ver, o resgate da história das mulheres imigrantes da região colonial alemã no Rio Grande do Sul, assim como de mulheres em geral, tem duplo objetivo:

- fazer justiça às mulheres da época em questão e
- resgatar o teor de esperança implicado na história daquelas mulheres, tanto para as mulheres, quanto, também, para os homens e a Igreja, de hoje e de amanhã.

---

<sup>17</sup> Cf., SHARPE, In: BURKE (Org.), 1992, p. 60.

<sup>18</sup> METZ, Johann Baptist. *Glaube in Geschichte und Geellschaft*. Studien zu einer praktischen Fundamentaltheologie. Mainz: Grünewald, 1977. p. 97.

<sup>19</sup> METZ, 1977, p. 96.